

20/1/1985

Pazzianotto propõe acordo para definir tipos de greve

São Paulo — Com a experiência de quem tem trânsito fácil em todas as correntes do movimento sindical paulista, o Secretário de Trabalho de São Paulo, Almir Pazzianotto, afirma que no Governo Tancredo será necessário estabelecer com as lideranças trabalhistas de todo o País um entendimento em torno de uma questão que considera básica: "O que é greve trabalhista e o que é greve política?"

— Temos que estabelecer um acordo com o pessoal (os líderes sindicais). Se a greve é trabalhista, só temos que nos regozijar, pois sempre fomos pelo direito de greve e este será um problema afeto à Secretaria de Trabalho. Mas se a greve é política, se a ação é política, a resposta será política e fugirá da alçada da Secretaria de Trabalho. Mas antes desse entendimento o Congresso Nacional terá que dar ao País uma nova legislação sindical e trabalhista — afirma Pazzianotto.

Maioridade

O Secretário paulista acha que a eleição de Tancredo para a Presidência da República cria a oportunidade única.

Para o pleno reconhecimento, pela sociedade, do valor do trabalho, afirma o Secretário do Trabalho de São Paulo, Almir Pazzianotto. Para ele, a questão trabalhista, no Brasil, é hoje "um problema político da maior envergadura". Cabe ao Estado, neste processo, reconhecer o direito de greve e acima de tudo, através de uma relação adequada. "conferir maioridade aos trabalhadores brasileiros".

Considerado um dos mais competentes advogados trabalhistas, esteve presente em todas as negociações sindicais importantes dos últimos seis anos — das greves do ABC às revoltas rurais de Guariba. A mediação que evitou o locaute dos 5 mil 300 postos de gasolina de São Paulo é seu mais recente êxito.

Pazzianotto defende a valorização do Ministério do Trabalho e das Secretarias Estaduais do Trabalho como providência que o futuro Governo Tancredo Neves deve tomar com urgência. Prevê que, já em abril, o novo Governo estará diante de uma greve de metalúrgicos do ABC e interior paulista. Em maio, possivelmente, será a vez dos cortadores de cana e apanhadores de laranja da região de Ribeirão Preto.

— Ou se dá valor ao Ministério do Trabalho agora ou não se dará nunca mais — afirma Pazzianotto, 48 anos, ex-vereador do PDS em sua cidade natal, Capivari, interior paulista. Com habilidade, desvia todas as perguntas que o apontam como um possível Ministro do Trabalho nos conflitos trabalhistas, em articulação com todas as Secretarias Estaduais do Trabalho, que, para ele, devem exercer uma função política e não apenas burocrática.

"Carcomida"

— Chegou a hora de fixarmos as regras do jogo. A atual legislação está toda carcomida e é preciso fixar um novo parâmetro legal. Temos que conceituar o que é uma greve, saber o que ela significa — afirma o Secretário, que reconhece na greve "o maior direito da classe trabalhadora".

Pazzianotto redigiu pessoalmente, com datilografia capenga, o Acordo de Guariba, encerrando um movimento que levou bóias-frias e policiais a um confronto. Sua atuação também foi

decisiva na semana passada, quando intermediou a primeira negociação entre as duas Federações da Agricultura de São Paulo (FAESP, patronal; e Fetaesp, trabalhista), que também resultou em acordo.

Filiado ao MDB em 1970, duas vezes deputado estadual, participou de todas as negociações que se seguiram às greves dos metalúrgicos de São Bernardo, em 1978. Ainda hoje, apesar das divergências políticas que se acentuaram, mantém relacionamento cordial com Luís Inácio da Silva, o Lula, presidente do PT e diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, cujo corpo de advogados ainda integra, embora licenciado.

Ele reconhece que, nos últimos dois anos, líderes vinculados ou simpáticos ao PMDB perderam posições para dirigentes ligados ao PT ao movimento sindical paulista. Isto acontece tanto em sindicatos fortes, como os metalúrgicos de São José dos Campos e Campinas, quanto no interior, como foi o caso, por exemplo, do pequeno sindicato dos metalúrgicos de Sorocaba. Pazzianotto critica, no PMDB, a ausência de uma política sindical definida e constata que o partido nunca teve forte atuação no movimento sindical.

Tancredo

A penetração do sindicalismo petista, entretanto, está levando a uma reação dos demais dirigentes filiados a outros partidos ou independentes. "Houve uma expansão petista seguida de uma reação entre os que se opõem à partidização dos sindicatos. Eles não concordam com isso porque o PT, quando toma um sindicato, transforma-o numa espécie de feudo", comenta Pazzianotto.

Embora mantenha contatos freqüentes com o Secretário de Governo, Roberto Gusmão — um dos articuladores da candidatura Tancredo Neves —, garante que não conversou com Tancredo nos últimos dias.

Pazzianotto conta que seu mais recente encontro com o Presidente eleito foi no dia 7 deste mês, quando articulou uma reunião, em Brasília, do então candidato com líderes sindicais vinculados à Coordenação Nacional das classes Trabalhadoras (Conclat).

Admite, contudo, que mantém bom relacionamento com Tancredo. E conta uma história ocorrida no início do ano passado, quando o então Governador mineiro não era oficialmente candidato à Presidência. Ambos conversaram longamente no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte. À saída, Pazzianotto agradeceu a conversa. Tancredo retrucou: "Eu é que agradeço. Marquei uma palestra sobre sindicalismo para esta noite e agora não precisarei ler mais nada a respeito".

(Página 8)